

PONTES E TEARES

Articulação curricular nos níveis
iniciais da Educação Básica



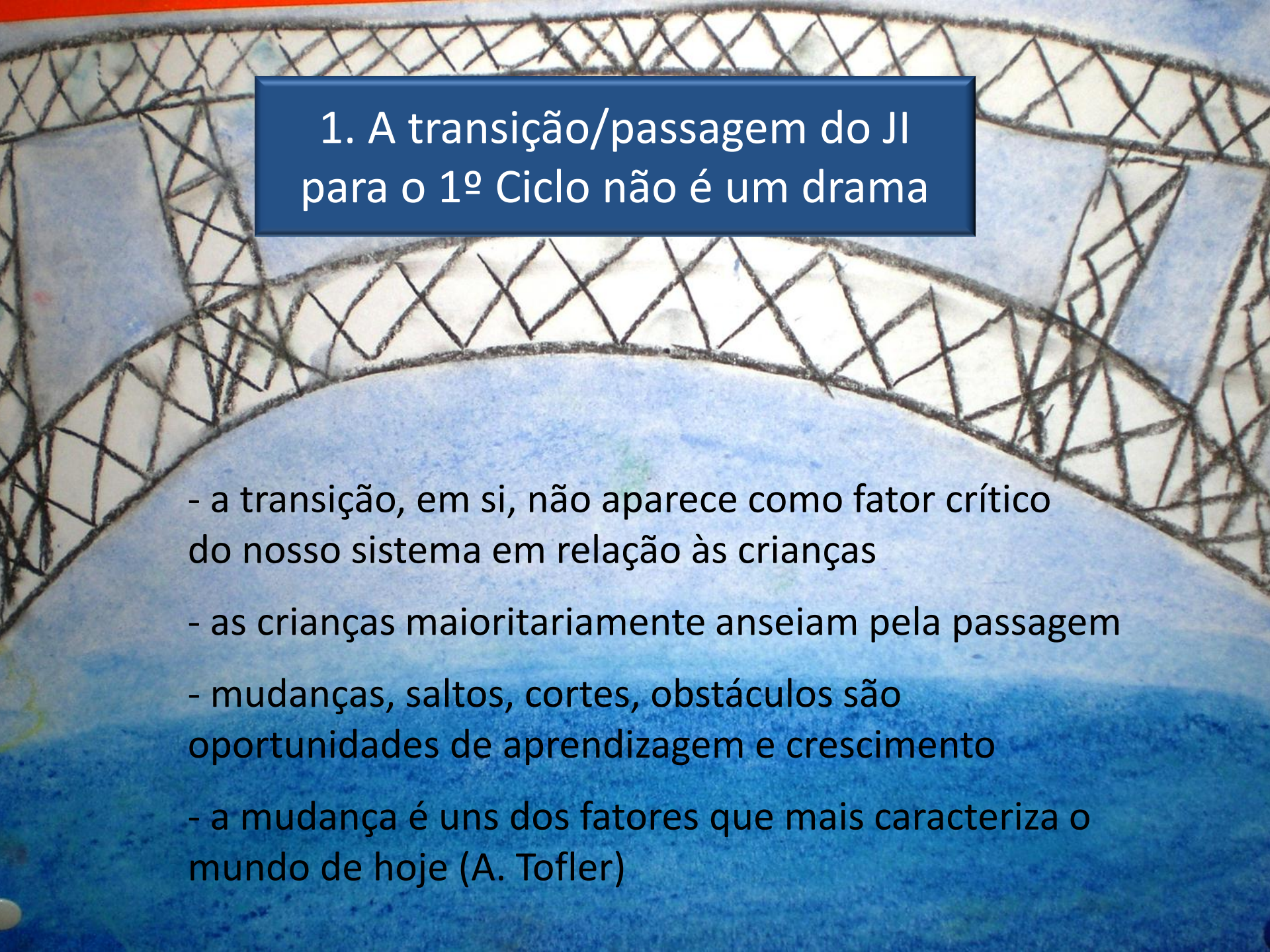
Universidade Católica Porto
Faculdade de Educação e Psicologia
27 junho 2012

PONTES E TEARES

Articulação curricular nos níveis iniciais
da Educação Básica

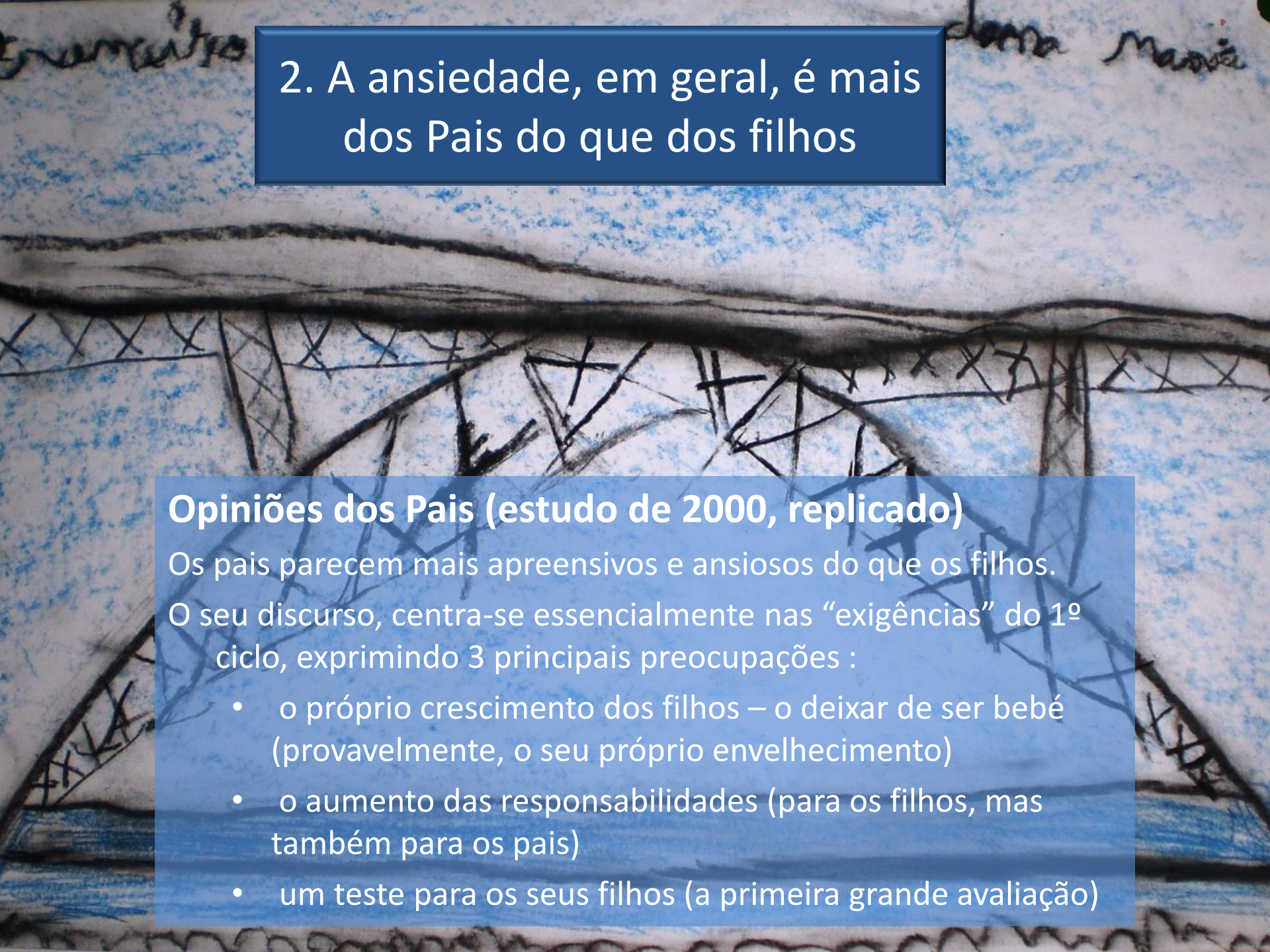
**Algumas ideias (des)articuladas
sobre a (des)articulação entre
o Jardim de Infância e o 1º CEB**

Manuel Rangel



1. A transição/passagem do JI para o 1º Ciclo não é um drama

- a transição, em si, não aparece como fator crítico do nosso sistema em relação às crianças
- as crianças maioritariamente anseiam pela passagem
- mudanças, saltos, cortes, obstáculos são oportunidades de aprendizagem e crescimento
- a mudança é uns dos fatores que mais caracteriza o mundo de hoje (A. Tofler)



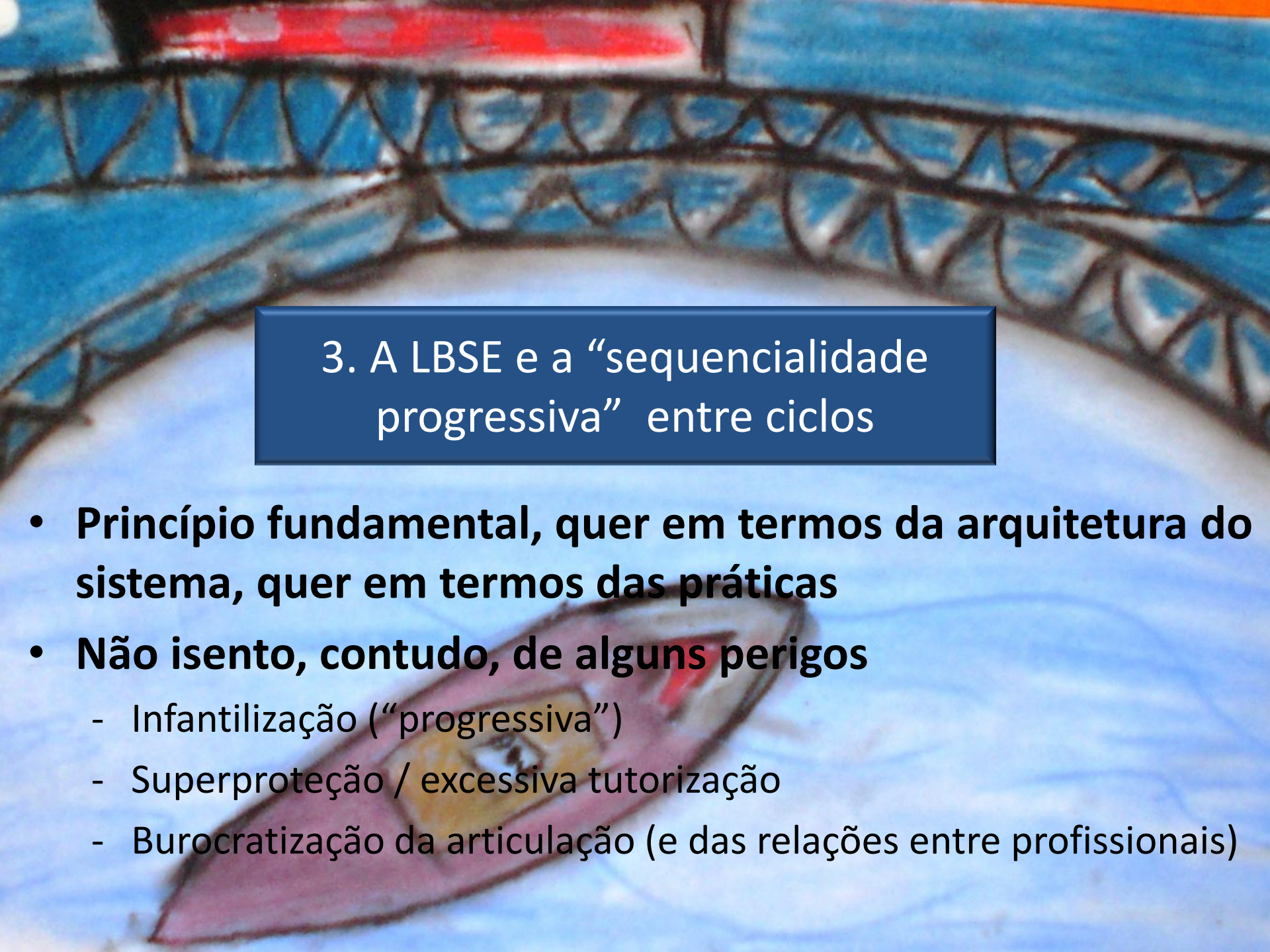
2. A ansiedade, em geral, é mais dos Pais do que dos filhos

Opiniões dos Pais (estudo de 2000, replicado)

Os pais parecem mais apreensivos e ansiosos do que os filhos.

O seu discurso, centra-se essencialmente nas “exigências” do 1º ciclo, exprimindo 3 principais preocupações :

- o próprio crescimento dos filhos – o deixar de ser bebé (provavelmente, o seu próprio envelhecimento)
- o aumento das responsabilidades (para os filhos, mas também para os pais)
- um teste para os seus filhos (a primeira grande avaliação)

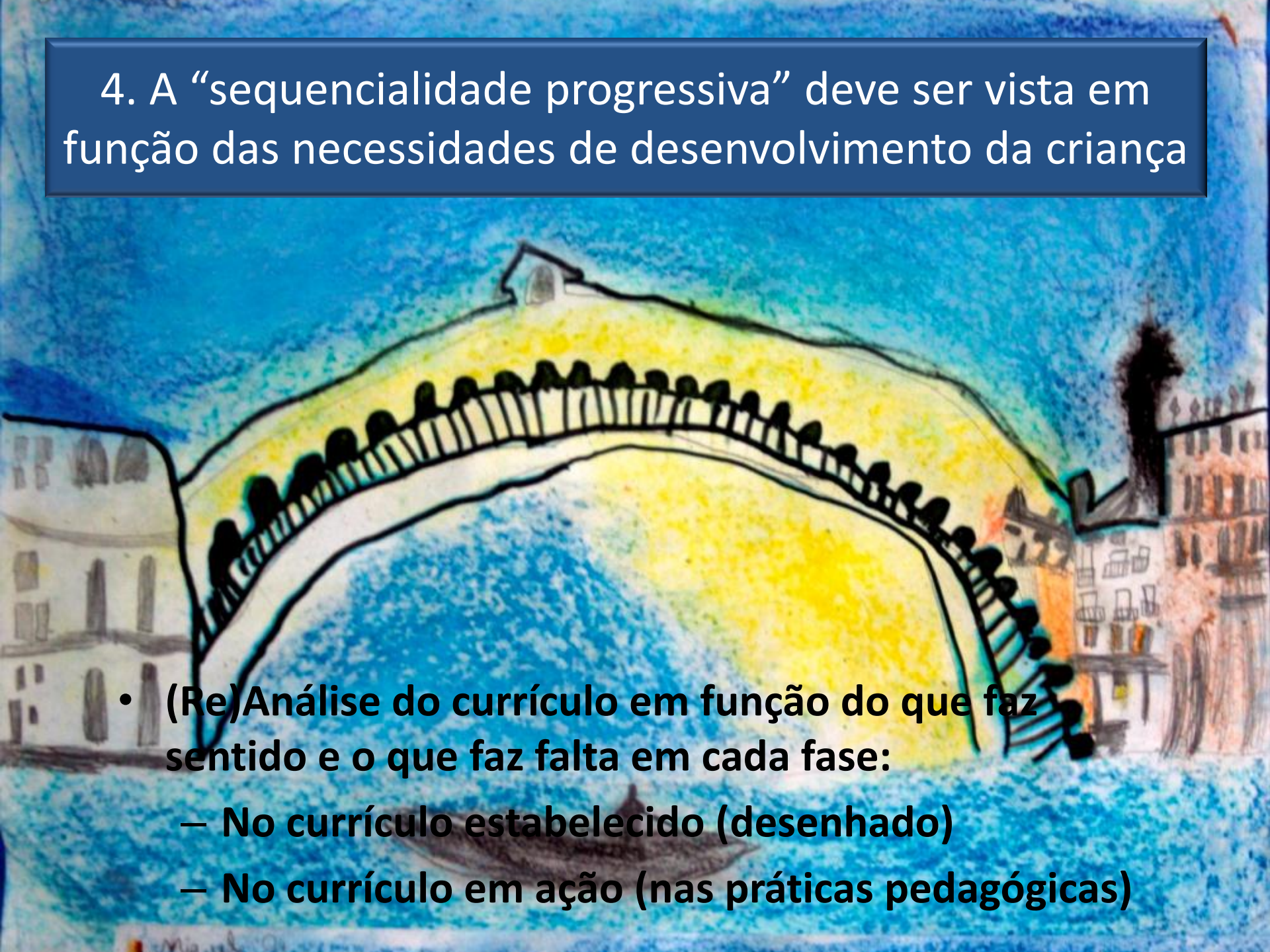


3. A LBSE e a “sequencialidade progressiva” entre ciclos

- **Princípio fundamental, quer em termos da arquitetura do sistema, quer em termos das práticas**
- **Não isento, contudo, de alguns perigos**
 - Infantilização (“progressiva”)
 - Superproteção / excessiva tutorização
 - Burocratização da articulação (e das relações entre profissionais)

4. A “sequencialidade progressiva” deve ser vista em função das necessidades de desenvolvimento da criança

- **(Re)Análise do currículo em função do que faz sentido e o que faz falta em cada fase:**
 - No currículo estabelecido (desenhado)
 - No currículo em ação (nas práticas pedagógicas)



5. As práticas e os desvios

Desvios acentuados nas práticas ocorrem tanto num nível como no outro

- Jardim de Infância
- 1º ciclo

revelando:

- incumprimento do currículo definido
- desadequação aos níveis etários e necessidades de desenvolvimento das crianças

A ponte
a ponte
V arquitetura

5. As práticas e os desvios

• Jardim de Infância

- entre a assistência/guarda e a escolarização precoce (a ideia de “preparação”)
- entre o brincar, apenas, desprovido de intencionalidade e significado em termos de desenvolvimento e aprendizagem e a antecipação do lado acadêmico, formal e escolar, igualmente desprovido de significado

A ponte
a ponte D
O arquiteto

5. As práticas e os desvios

• 1º ciclo

- Visão restrita e tradicional do cumprimento do currículo
 - Não se cumpre integralmente o currículo ou cumpre-se de forma muito desigual
- Visão tradicional de disciplina e trabalho escolar
 - Confunde-se disciplina com imobilidade e imobilismo
 - Despreza-se o papel do jogo e a necessidade de brincar
 - Despreza-se a criatividade, o pensamento divergente, a escolha e a autonomia

Os maus “ventos” que correm:

A visão ultraconservadora do currículo; os horários; os exames...

o “examinês”!

A ponte
a ponte D
U arquiteto

6. O “verão negro”

- Em 2 ou 3 meses da vida de uma criança, nada pode justificar esta passagem de um regime relaxado (por vezes até em excesso), para um regime quase militar



7. A investigação sobre as práticas nos dois níveis educativos

A investigação sobre as práticas, quer em Portugal quer noutros países, quando se compara o JI com o ensino básico, evidencia o seguinte:

- **no Jardim de Infância**, as crianças

- são mais livres para fazerem escolhas
- têm mais tempo de interação umas com as outras
- têm mais tempo de trabalho e de brincadeira em conjunto
- têm maior mobilidade e possibilidade de circulação livre na sala
- as salas são, em geral, mais espaçosas e melhor apetrechadas.

7. A investigação sobre as práticas nos dois níveis educativos

- **no Ensino Básico**, em particular no 1º ciclo, os alunos:
 - estão mais tempo a ouvir os professores
 - têm menos tempo de jogo; o “trabalho” substitui o jogo; este surge, apenas ou essencialmente, como prémio
 - têm menos atividades criativas
 - estão mais dependentes do adulto e têm menos hipóteses de escolha das tarefas
 - têm menos possibilidades de movimento livre na sala
 - estão mais tempo à espera dos professores
 - o trabalho em conjunto (pares ou pequenos grupos) é reduzido
 - ao longo dos anos diminui a interação entre as crianças e entre estas e os professores.

7. A investigação sobre as práticas nos dois níveis educativos

As razões apontadas, em geral, para esta discrepância de práticas são várias:

- diferenças na formação dos profissionais de um e outro nível educativo;
- existência ou não de programas, ou a existência de programas mais ou menos flexíveis, consoante o nível;
- a tradição de cada um dos níveis, à qual se associam práticas e culturas profissionais e expectativas sociais diferentes;
- a ausência de trabalho em conjunto dos dois grupos profissionais.

8. Perceções mútuas

	Educadores (JI)	Professores (1º ciclo)
Universidades C.^{as} da Educação Pedagogos Administração	Inovadores Centrados na criança Desenvolvimento global Pedagogia	Clássicos, Formais Conservadores Centrados nas aprendizagens Académicos
Pais	Inovadores, Informais, Lúdicos Afetivos, Maternais	Clássicos, Formais, Rígidos Sérios, Avaliadores Académicos, Tradicionais
Crianças	Livre, Lúdico, Escolha, Brincadeira	Sério, Aprendizagens, Trabalho, Disciplina
Educadores	PARENTES-POBRES	Clássicos, Formais, Rígidos Académicos, Tradicionais
Professores	Informais, Lúdicos, Afetivos Livres de “responsabilidade”	PARENTES-POBRES

Que PONTES são então possíveis?







O que
podemos
ainda ligar?

Que caminhos percorrer?





Que teias tecer?

ANNA

MAFALU

AFEDINGO



Serão, certamente, muitos os caminhos,
muitos os fios com que se tecerá essa relação,
mas acredito fundamentalmente

no **TRABALHO CONJUNTO**

centrado:

- na **criança**
- no seu percurso de desenvolvimento
- na **pedagogia / no trabalho educativo**



